

“MAS QUEM É VOCÊ?” TRABALHO DE CAMPO, A EXPERIÊNCIA E SEUS DESAFIOS

ANDRESSA SZEKUT¹; JORGE EREMITES DE OLIVEIRA²;

¹Universidade Federal de Pelotas – andressaszekut@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – eremites@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Falar sobre trabalho de campo requer fazer referência a inúmeros estudos das Ciências Sociais que, de alguma forma ou de outra, refletem sobre – ou recorrem ao – contato mais próximo e direto com seu tema de pesquisa. Neste texto partimos da perspectiva da antropologia, da observação participante, ou etnografia para refletir sobre a experiência de campo da autora em Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. Tendo como objetivo relacionar a sua prática de campo com as reflexões de alguns autores sobre a temática, problematizando a aproximação do pesquisador à comunidade pesquisada.

A autora desenvolve um projeto de doutorado com o objetivo de identificar e analisar a (re)construção de representações e memórias entre imigrantes brasileiros na cidade de Santa Rita, buscando entender como este grupo se organiza, se fixa e se integra na sociedade paraguaia e constitui laços de pertencimento e continuidade, através de representações simbólicas e práticas sociais. Definiu-se que a metodologia de trabalho seria interdisciplinar, unindo, então, a Antropologia e a História, buscando, em cada uma das disciplinas, contribuições metodológicas para alcançar o objetivo.

Tratamos neste texto, especificamente, da prática etnográfica empreendida pela autora no desenvolvimento desse projeto. Para tanto, tem-se como base teórica para o trabalho de campo textos de autores como MALINOWSKI (1978), GEERTZ (1978), FOOTE-WHYTE (1980), CARDOSO DE OLIVEIRA (2000), CALDEIRA (1981), FAVRET-SAADA (2005), PUJADAS, (2012), entre outros. Busca-se, em seus textos, extrair experiências que vão contribuir para a construção do trabalho de campo, o qual envolve aspectos como: aproximação à realidade observada; constante diálogo do observado com a teoria, relacionando-os; evitar naturalizar e tampouco estigmatizar as ações da comunidade observada; manter diário de campo constante e exaustivo sobre o observado; responsabilidade e ética com os interlocutores, buscando constantemente diminuir as fronteiras que existentes entre eles e o pesquisador; deixe-se “afetar” pelo vivido, como forma essencial de perceber e adentrar a realidade observada.

O campo estudado delimita-se pelo município de Santa Rita, que está localizado no departamento de Alto Paraná, no Paraguai. Este espaço faz parte da região de colonização recente nesse país, impulsionada pelo governo ditatorial do General Alfredo Stroessner na segunda metade do século XX. Essa colonização tinha como objetivo a expansão da fronteira agrícola e incentivou tanto a nacionais quanto a estrangeiros, principalmente brasileiros, a entrar, desmatar, e produzir no interior da região oriental do país. O processo fez com que milhares de brasileiros e paraguaios migrassem e se encontrassem na mesma região, mas em condições sociais, culturais, políticas e econômicas diferentes, em um espaço distinto do seu de origem, repleto de adversidades e ausência de infraestrutura.

2. METODOLOGIA

Utiliza-se o método etnográfico, também conhecido como observação direta ou Etnografia, amparando-se nos autores já citados acima, de maneira participante, por meio da convivência e interlocução com atores e atrizes sociais na região de Santa Rita, sobretudo brasileiros e paraguaios. A interação com os interlocutores ocorreu ao longo de cinco meses, morando no município, participando de suas atividades socioculturais, e aplicando entrevistas semi-estruturadas a partir de interlocutores chave, entendendo, através de VIVEIROS DE CASTRO (1992), que estes podem representar um “fato social total” e servir de fio condutor na pesquisa. A escolha desses interlocutores é feita de forma direcionada, e também a partir de indicação dos atores e atrizes já entrevistados, aplicando a concepção de redes (WOORTMANN, 1995; PUJADAS, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebeu-se que o trabalho de campo exige uma série de preparativos do pesquisador, envolvendo: questões teóricas que darão base à temática abordada; questões materiais de preparação para o deslocamento e fixação no espaço de pesquisa pelo tempo determinado; e as questões de preparo psicológico do pesquisador. O processo de adentrar o “mundo do Outro” é complexo, tanto para o pesquisador quanto para o pesquisado, ambos cheios de perguntas, um sobre o outro. Pois, o pesquisador, que pretende perguntar, ao chegar ao campo é questionado: “Mas quem é você?” Percebe-se que o trabalho de observação e análise do Outro está sendo feito pelos dois lados – pesquisador e pesquisado – cada um com seus objetivos, expressando suas construções e percepções.

O pesquisador chega ao campo com expectativas. Caminha pelas ruas olhando atentamente tudo a sua volta, busca participar das atividades promovidas e se inserir na comunidade. Procura, constantemente, colocar-se no lugar e captar vivências e experiências, diminuir as distâncias, além de físicas, socioculturais e psicológicas (VELHO, 1987). Nesse processo, procura ter em mente uma gama de autores que leu antes de ir a campo e percebe que o distanciamento, que é recomendado por muitos, não é frutífero para alcançar uma interação; é preciso se envolver e incorporar no campo os aspectos sentimentais. Entende-se a partir de DAMATTA que objetividade e “neutralidade científica” não excluem o sentimento humano, logo, as emoções do pesquisador não devem ser negadas, e sim, consideradas como instrumento para conhecimento (DAMATTA, 1978). Por conseguinte, compreendemos que o trabalho de campo é uma vivência de relações e tem dimensão intensa de subjetividade, devendo-se buscar uma “contaminação” (BRANDÃO, 2007).

Em teoria, como indica CARDOSO DE OLIVEIRA (2000), no campo, busca-se olhar, ouvir e escrever, em uma perspectiva de interlocução e captação dos significados. Na prática, o olhar e o ouvir são formas de imersão no campo, e busca-se fazê-los afastando-se dos seus paradigmas, em uma postura de estranhamento. E o escrever é constante e pode ser exaustivo, caderno e caneta são companheiros de todas as horas, sua construção é essencial para esquematizar as ideias e não perder informações; e muito importante para a objetivação da pesquisa (BOURDIEU, 1992). O Diário que dará base para a redação do trabalho final suporta os dados, as reflexões e também as angústias do pesquisador.

No campo, como ferramenta para a observação participante, optou-se por desenvolver entrevistas semi-estruturadas, com questões que envolvem a migração, a fixação e as relações sociais no município. A aproximação com os indivíduos se constituiu considerando sempre, como aponta CALDEIRA (1981), a relação de poder (científico) que se estabelece entre pesquisador e pesquisado, buscando minimizar esta barreira através de uma relação de troca, estabelecendo uma relação de interlocução. Nessa perspectiva, apontamos que na experiência de campo da autora, mesmo com a busca de diminuir as fronteiras entre o pesquisador e pesquisado, foi possível perceber construções a partir da percepção de poder que o pesquisado constrói sobre o pesquisador, o que determina sua fala e postura. Percebemos que as questões de poder podem ser diminuídas, mas sempre vão existir, e precisam ser consideradas para a análise e construção do trabalho.

É consideramos, como aponta Gilberto Velho em uma discussão sobre o familiar e o exótico, que muitas vezes, coisas fora do nosso meio de convivência são mais familiares do que muitas facetas e aspectos do nosso próprio meio, sociedade. Nesse sentido, a pesquisadora já ter vivenciado a mesma realidade pesquisada não significa que a conheça na sua amplitude e nos seus pormenores, principalmente por até então não ter um olhar direcionado de análise das relações estabelecidas. Entendemos então que observar o familiar é cada vez mais necessário para uma antropologia preocupada com a mudança social como processo de decisões e interações cotidianas. (VELHO, 1987, p. 46)

Faz-se então a etnografia em um esforço de contextualizar a realidade observada (GEERTZ, 1978), considerando as experiências e expectativas da sociedade. Através de uma relação de experiência da diversidade da sociedade estudada, como é indicado por FOOTE-WHYTE (1980), e assim alcança-se uma análise ampla das relações diversas da população.

4. CONCLUSÕES

Dessa forma, durante a pesquisa de campo, pôde-se vivenciar e interagir com as experiências da sociedade de Santa Rita nesse momento e com as construções que ela tem de si. Observando, entrevistando e mantendo um diário de campo com as informações e impressões do dia a dia, percebeu-se que a preparação teórica é de extrema importância para se chegar ao campo com uma base sobre a qual se possa para delimitar e delinear as ações e reflexões sobre o observado.

Destacamos que o observado também está observando, e que isso vai estabelecendo as relações de poder entre ele e o pesquisador. Essas relações de poder definem as representações que o pesquisado quer transmitir nesse momento. Nessa perspectiva, vemos que cabe ao pesquisador responder “quem ele é” no seu desafio de se inserir na comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. **L'objectivation du sujet objectivant**; Une objectivation participante. Réponses. Pour une anthropologie réflexive. Paris: Seuil, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v.10, n.1, p.11-27, 2007.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Uma incursão pelo lado “não-respeitável” da pesquisa de campo. **Ciências Sociais Hoje**, Recife, n.1, p.333-353, 1981.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **Reconstruindo a Saudade Portuguesa em Vídeo**: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnológica. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 73-86, jul./set. 1995.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONÇALVES, Marco Antônio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. (Org.). **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. [p.19-42]

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1978.

PUJADAS, J. J. El análisis de las redes sociales. In: PUJADAS, J. J.; D'ARGEMIR, D. C.; ROCA J. **Etnografia**. Editorial UOC. p. 110-134, 2012.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O campo na selva, visto da praia. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.170-190, 1992.

WOORTMANN, Ellen. **Herdeiros, parentes e compadres**. Ed. Univ. de Brasília, 1995.